

# Compreender o Escutismo na «Amoris laetitia»



O Papa Francisco escreveu uma exortação pós-sinodal dirigida a toda a Igreja, mas com especial enfoque nas famílias e em todos os que interagem com elas nos seus serviços e ministérios dentro da Igreja. O Escutismo, em particular o CNE, não fica à margem desta exortação e encontra nela muitos motivos de reflexão, discernimento e ponderação que poderão influenciar algumas práticas dentro da associação.

Ricardo Perna | [ricardo.perna@gmail.com](mailto:ricardo.perna@gmail.com) | Fotos: R2 Arte e Ricardo Perna





Sabendo da publicação desta exortação relacionada com a família, alguns poderão pensar que pouco ou nada tem que ver com a proposta educativa do Escutismo, ou em particular do CNE. Não há, de facto, uma referência direta ao Escutismo, mas são várias as referências que o Escutismo tem relacionadas com a fé e a família. Como tal, é inevitável que nos perguntemos sobre o que vem de novo nesta exortação. «A exortação apostólica é um documento lúcido e luminoso do magistério pontifício que vem sublinhar, antes de tudo, a alegria do amor que se vive nas famílias e estimula a apreciar os dons do matrimónio e da família», bem como «se propõe encorajar todos a serem sinais de misericórdia e de proximidade para a vida familiar, onde esta não se realize perfeitamente ou não

res, área que afeta as famílias dos nossos escuteiros e os próprios Dirigentes e recursos adultos da associação.

É importante compreender, diz-nos o Pe. Luís Marinho, que «os Dirigentes são o rosto visível da Igreja, dão ao Evangelho a marca de uma relação pessoal de Deus com cada pessoa, com cada criança e jovem. E, por esta via, entram igualmente em relação com as famílias dos nossos escuteiros», considera. Talvez seja algo que alguns nunca se tenham apercebido, mas o Papa reforça com a certeza de que «os adolescentes habitualmente entram em crise com a autoridade e com as normas, pelo que é conveniente estimular as suas experiências pessoais de fé e oferecer-lhes testemunhos luminosos que se imponham simplesmente pela sua beleza», conforme se lê no ponto 288.

Os Dirigentes, por inerência, são chamados a dar este testemunho de vida na fé, já que sabemos o impacto que têm junto dos jovens com quem trabalham. Este é um exemplo que não pode acontecer somente com o uniforme vestido, mas principalmente no seu quotidiano familiar. O Papa explica que «com o testemunho e também com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim, os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa. A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade», e assim devem ser as famílias dos Dirigentes.

Desta forma, cada Dirigente é chamado a «acompanhar e propor» caminhos. «Acompanhar cada pessoa no seu lento amadurecimento, respeitando o seu ritmo, e propor a dar passos novos rumo

«os Dirigentes são o rosto visível da Igreja, dão ao Evangelho a marca de uma relação pessoal de Deus com cada pessoa, com cada criança e jovem. E, por esta via, entram igualmente em relação com as famílias dos nossos escuteiros»

se desenrole em paz e alegria» (n.º 5), diz à **Flor de Lis** o Pe. Luís Marinho, assistente nacional do CNE.

No que diz respeito ao CNE, o que a exortação traz é «uma responsabilidade maior de, em comunhão com cada comunidade cristã local (em processo sinodal), participar deste cuidado das famílias, de todas as famílias, ao mesmo tempo que também nos compete propor aos jovens o ideal pleno do matrimónio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza».

Mas em que áreas podem os Dirigentes do CNE encontrar conselhos e reflexões direcionados a si? Podemos separar duas áreas principais. Uma relacionada com a missão educativa da família e do exemplo e testemunho dos Dirigentes nas suas próprias famílias e no trabalho com as famílias dos seus escuteiros, outra relacionada com o discernimento e acolhimento de pessoas em situações irregula-



ao projeto de Deus sobre a família e o matrimónio», como recorda justamente o Papa: «A tibieza, qualquer forma de relativismo ou um excessivo respeito na hora de propor o sacramento seriam uma falta de fidelidade ao Evangelho e também uma falta de amor da Igreja pelos próprios jovens. A compreensão pelas situações excepcionais não implica jamais esconder a luz do ideal mais pleno, nem propor menos do que Jesus oferece ao ser humano. Atualmente, mais importante do que uma pastoral das falências é o esforço pastoral para consolidar os matrimónios e assim evitar as ruturas» (n.º 307), considera o Pe. Luís Marinho.



### «Esta exortação traz um novo contributo para o discernimento das “situações chamadas irregulares”»

Para que possa cumprir cada vez melhor este seu propósito de evangelização, é essencial que cada Dirigente conheça e aprofunde a sua própria condição de cristão e tenha uma vida que seja testemunho público dessa condição, em todas as dimensões.

É claro que a Igreja nunca renunciou à proposta de que cada cristão seja o reflexo perfeito de Cristo. Neste sentido, a assistência nacional do CNE, pela mão do Pe. Manuel Fonte, emitiu um parecer oficial em 2002, não admitindo Dirigentes ou candidatos a Dirigente do CNE que vivessem em situações irregulares, fosse em uniões de facto ou segundas uniões fruto de divórcios civis. Se as uniões de facto são situações que, com o devido acompanhamento, se podem converter em casamentos religiosos e aproximar de novo os adultos dos sacramentos e da integração plena na vida da Igreja, os divorciados recasados colocam outras dificuldades, pois há situações que são impossíveis de alterar.

Apesar dessa tomada de posição do Pe. Fonte, secundada por D. António Carrilho, bispo do Funchal, que na altura presidia à Comissão Episcopal do

Apostolado dos Leigos, a aplicação concreta no CNE contempla muitas variantes. É conhecido que existe uma prática de não aceitar para formação de futuros Dirigentes do CNE cristãos que, quanto ao seu matrimónio, estejam em situação canónica irregular, e de submeter à reflexão da direcção e respetiva junta de núcleo Dirigentes que já estavam no ativo e que só depois disso se viram numa situação canónica irregular e impossibilitados de a regularizar. Foi afirmado por alguns responsáveis que «é necessário bom senso pastoral para que, caso a caso, se encontrem as soluções mais acertadas», e daí a maior atenção personalizada para com os Dirigentes que já estavam no ativo.

Esta aparente rigidez no tratamento por igual de casos que podem ser diferentes conhece um novo desenvolvimento com este importante documento pontifício. «Esta exortação traz um novo contributo para o discernimento das “situações chamadas irregulares”, que abrangem uma grande variedade de situações “que não devem ser catalogadas em afirmações demasiado rígidas, sem deixar espaço para um adequado discer-

nimento pessoal e pastoral”», diz o atual assistente nacional, que acrescenta que «as orientações do Papa são para levar muito a sério no sentido de “discernir quais as diferentes formas de exclusão atualmente praticadas em âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional possam ser superadas”» (n.º 299), refere o sacerdote.

Estas novas indicações, conforme também explica o Papa, não são uma «via aberta» para que todos os que estão em situação irregular possam ser ou manter-se como Dirigentes, mas antes um caminho que se abre ao discernimento e a uma maior integração na vida da Igreja. D. Manuel Clemente, aquando da publicação da exortação, explicou aos jornalistas em conferência de imprensa que esta «maior integração» na vida da Igreja pode levar a que, por exemplo, casais em situação irregular mas que tenham uma vida condizente com a sua situação particular e que não seja escândalo para a comunidade, possam ser padrinhos de batismo, coisa que não era aceite anteriormente.

Esta exortação apostólica traz, assim, novas possibilidades a todos os cristãos, sem diminuir a exigência da vida cristã ou alterar qualquer aspeto da doutrina. Há caminho a fazer, e o Papa quer que o façamos. É esse o dever de todo o cristão, e de todo o Dirigente do CNE.

# Guia para entender a «Amoris laetitia»

O Papa Francisco publicou recentemente a Exortação *Amoris laetitia*, A Alegria do Amor. Este é um documento que deve ser lido por todos os escuteiros, mas especialmente pelos Dirigentes do CNE, já que aborda um dos assuntos mais importantes para o trabalho pedagógico que realizamos com os jovens: a família.

Apresentamos aqui um pequeno resumo do que encontrar em cada capítulo da obra.



## Capítulo 1 À Luz da Palavra

Francisco inicia a exortação com uma justificação da importância do tema da família com base bíblica. Na Sagrada Escritura encontramos várias referências à família. No ponto 17, o Papa escreve que «os pais têm o dever de cumprir, com seriedade, a sua missão educativa, como ensinam frequentemente os sábios da Bíblia».



## Capítulo 2

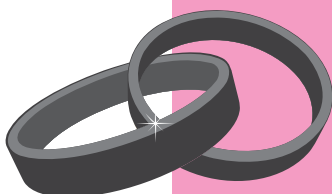
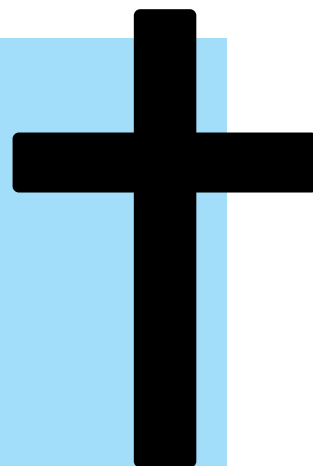
### A realidade e os desafios das famílias

A partir da base bíblica do capítulo anterior, o Papa fala sobre as dificuldades e os desafios que afetam as famílias nos dias de hoje, ao mesmo tempo que aborda o dever da Igreja de acompanhar essas famílias, num tom crítico em relação ao trabalho que é desenvolvido atualmente pela pastoral familiar. «Muitas vezes apresentámos de tal maneira o matrimónio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação», pode ler-se no ponto 36.

## Capítulo 3

### O olhar fixo em Jesus: a vocação da família

Depois do retrato das famílias, o Papa indica-lhes qual a sua vocação. Mais do que sujeitas de evangelização, as famílias e os seus membros devem atualmente ser agentes de evangelização. No ponto 72, pode ler-se que «o matrimónio é uma vocação, sendo uma resposta à chamada específica para viver o amor conjugal como sinal imperfeito do amor entre Cristo e a Igreja. Por isso, a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional», aconselha o Papa.



## Capítulo 4

### O amor no matrimónio

Naquele que será o capítulo mais bonito da exortação, o Papa pega na Carta de São Paulo aos Coríntios e no seu “hino ao amor” e desconstrói aquela que será provavelmente a leitura bíblica mais utilizada em casamentos católicos em todo o mundo.

O Papa explica cada uma das partes desta leitura e indica as ações que os cônjuges devem ter um para com o outro, chegando a abordar a dimensão erótica desse amor, reforçando aquilo que a Igreja tem vindo a dizer nos últimos anos, que o amor tem um carácter unitivo tão importante como o carácter procriativo.





## Capítulo 5

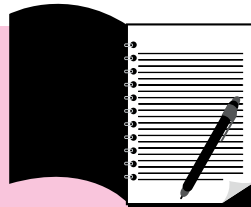
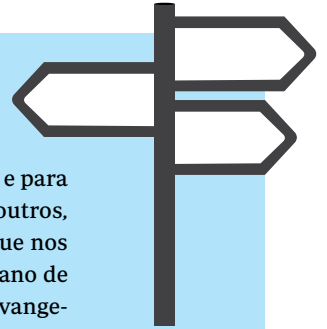
### O amor que se torna fecundo

Este é um capítulo dedicado a explicar como é que aquele amor do capítulo anterior pode frutificar, pode dar bom resultado. E isso é conseguido nas mais diversas expressões, seja através dos filhos, gerados no casal ou adotados, a expressão máxima do fruto desse amor, seja através do amor para com todos os membros da família, principalmente os mais idosos. O Papa diz, no ponto 165, que «o amor conjugal não se esgota no próprio casal. [...] Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe.»

## Capítulo 6

### Algumas perspetivas pastorais

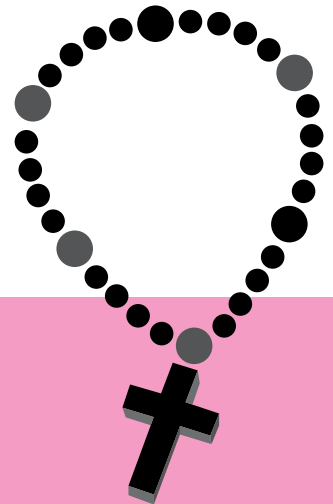
Depois de falar para as famílias, o Papa fala para a Igreja e para todos os seus agentes, leigos como os Dirigentes do CNE e outros, e religiosos. O Papa destaca «alguns caminhos pastorais que nos levem a construir famílias sólidas e fecundas segundo o plano de Deus», e explica o papel que todos os que se envolvem na evangelização devem ter.



## Capítulo 7

### Reforçar a educação dos filhos

No que diz respeito à educação dos filhos, Francisco dedica todo o capítulo a explicar como é necessária uma «correção fraterna», um amor sem limites e de que formas podem os pais, ou os educadores do CNE, que neste capítulo podem encontrar várias dicas para agir nas suas famílias, mas também nas suas unidades, fazer este trabalho. No ponto 274 pode ler-se que «a família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade».



## Capítulo 9

### Espiritualidade conjugal e familiar

No último capítulo, o Papa dedica alguma atenção à espiritualidade familiar, com a óbvia ligação à importância da oração em família, como se lê no ponto 318. «A oração em família é um meio privilegiado para exprimir e reforçar esta fé pascal. Podem encontrar-se alguns minutos cada dia para estar unidos na presença do Senhor vivo, dizer-Lhe as coisas que os preocupam, rezar pelas necessidades familiares, orar por alguém que está a atravessar um momento difícil, pedir-Lhe ajuda para amar, dar-Lhe graças pela vida e as coisas boas, suplicar à Virgem que os proteja com o seu manto de Mãe. Com palavras simples, este momento de oração pode fazer muito bem à família.»

## Capítulo 8

### Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade

Este é o capítulo mais mediático de toda a exortação. Apesar de abordar vários aspetos essenciais da vida familiar e da vida das comunidades, este foi o capítulo mais lido por todos. Aqui estão pistas de como lidar com as situações irregulares dentro da Igreja e de como abordar as famílias feridas pelo flagelo do divórcio. Um capítulo muito importante a ler por assistentes e chefes de agrupamento, no sentido de ajudar, acolher e integrar os Dirigentes em situações irregulares ou os recursos adultos que queiram servir o CNE dentro das suas limitações canónicas.

